

OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO ESTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno	Semestre	Trim.	N.º	6.º ANNO — VOLUME VI — N.º 156	REDACÇÃO — ATELIER DE GRAVURA — ADMINISTRAÇÃO
	36 n.ºs	18 n.ºs	9 n.ºs	à entrega		
Portugal (franco de porte, moeda forte)	3\$800	1\$900	9950	\$120	21 DE ABRIL 1883	LISBOA, RUA DO LORETO, ENTRADA PELA RUA DAS CHAGAS, 42
Possuções ultramarinas, (idem).....	4\$000	2\$000	-	-		
Estrangeiro (união geral dos correios).	5\$000	2\$500	-	-		
Brazil (moeda fraca).....	15\$000	7\$500	-	-		

Todos os pedidos de assignaturas deverão vir acompanhados do seu importe, e dirigidos a Francisco Antonio das Mercês, administrador da empresa.

CHRONICA OCCIDENTAL

O heroe do dia é o major Quillinan. Todas as atenções se voltaram de repente para elle e o seu nome anda em todas as boccas e em todos os jornaes.

O telegrapho ha oito dias a esta parte não faz senão transmittir-lhe telegrammas, de todas as corporações, de todos os collegios, de todos os pequenos e grandes grupos, e o major Quillinan vê-se completamente crivado de felicitações de todos os pontos de Portugal, e vae-se assim preparando para receber a enorme, a extraordinaria avalanche de telegrammas, de cartas, de homenagens de honra, que do Brazil lhe hade cahir em Londres, mal a colonia portugueza ali tenha noticia do seu brioso procedimento.

Tudo isto é digno de louvor e de sympathia, e prova que o sentimento de dignidade nacional está ainda vivo e radicado no espirito do nosso povo, e que se a atmospheria tepida em que vivemos ha muitos annos, e a pacatez burgueza que o sceptismo politico, e as preocupações egoistas da labutação constante do ganha pão quotidiano tem alastrado por todo o paiz não favorecem nem inspiram a grande manifestação espontanea e individual dos brios heroicos, os portuguezes tem ainda no fundo do seu temperamento nacional o sentimento d'essa heroicidade, e se a não praticam habitualmente, como nos antigos tempos que já lá vão, tem sempre o seu entusiasmo e a sua sympathia ás ordens de todas as acções nobres e valiosas, que quebrando a trivialidade mesquinha da nossa vida commum, se põem em evidencia nas regiões serenas, e pouco povoadas, dos factos heroicos.

O procedimento do major Quillinan levantando briosamente, espontaneamente, individualmente, os aggravos feitos á sua patria pelo deputado inglez o sr. Bright, achou echo immediato nos brios de todos os portuguezes, e por isso todo o paiz, alvoraçado subitamente por esse desaggravo solemne da dignidade nacional offendida, sa-

hiu da pacatez mansa em que vive, da indifferença doentia que o achaca, para felicitar entusiastado, esse compatriota valeroso, para se associar pela sua sympathia, á desforra brilhante dos brios portuguezes offendidos.

É isto o que quer dizer esse ruido enorme que se fez de repente em torno do nome, hontem desconhecido, do major Quillinan, é isto o que dizem essas manifestações collectivas e individuais que de todo o paiz surgem em telegrammas, é isto o que significa essa divinisação rapida, momentanea, unanime do major portuguez, cuja celebridade para não lhe faltar cousa alguma, até já tem a exploração do reclame indigena.

O OCCIDENTE hoje publica o retrato e a biographia do major Quillinan a quem a sua carta a Bright poz subitamente em evidencia, e fez o principal acontecimento de Portugal n'estes ultimos dias.

Nós registamos apenas aqui a celebridade que d'um momento para o outro se fez em volta do seu nome, e registamol-a como um bom e consolador symptoma dos brios nacionaes dos portuguezes.

— A questão do Zaire e a carta do major Quillinan prejudicaram bastante a companhia franceza do theatro de D. Maria, e o successo da sr.ª Maria Favart.

Deve porem confessar-se que muito mais do que isso quem prejudicou a sr.ª Favart foi a Sarah Bernhardt.

Depois das quatro recitas que a grande actriz *à la voix d'or* deu no theatro do Gymnasio ficaram prejudicadas, por muito tempo para Lisboa, todas as grandes actrizes estrangeiras.

E a razão é extremamente simples: é que Sarah Bernhardt ha só uma no mundo, e nós queremos que hajam tantas, quantas as actrizes estrangeiras que cá nos apparecem.

A sr.ª Favart é uma actriz notavel, mas já em decadencia, tem talento, tem arte, tem escola, mas tem tambem belos! cincoenta annos.

Alem d'isso a sua arte não consegue encobrir as deficiencias dos seus recursos physicos d'actriz, e o seu talento não chega ao genio.

D'ahi um abysmo entre ella e Sarah Bernhardt, um confronto esmagador, mas inivital para o publico, logo que lhe apresentem qualquer celebridade dramatica.

Marini ficou completamente aniquilada por ella, a sr.ª Favart, que é actriz incontestavelmente muito superior á artista italiana, não ficou de todo aniquilada pela recordação gloriosa da gloriosa judia, mas soffreu duramente por causa d'ella.

A frieza notavel com que o publico a acolheu, é filha d'essa recordação que tarde se apagará da memoria de quem teve o dubradissimo e supremo prazer artistico de ver representar Sarah Bernhardt.



CONDE DE FERREIRA (Segundo uma photographia) Vid. artigo Hospital de Alienados do Conde de Ferreira

O publico em geral, por mais illustrado que seja, não se pode furtar a estes confrontos, a critica por mais imparcial que queira ser, com difficuldade se pôde abstrahir completamente d'estes parallellos artisticos.

E esse confronto mais inevitavel se tornou ainda com a sr.^a Favart, franceza como Sarah Bernhardt, da *comédie française*, como ella era, apresentando-se tambem á frente d'uma companhia, com o seu nome em vedetta nos cartazes e fazendo-se ouvir por preços exorbitantes.

A morte d'uma parenta querida inhibiu-nos de seguir as recitas da sr.^a Favart com a assiduidade com que seguimos a da Sarah Bernhardt, e só nos permittiu vel-a n'uma peça apenas, no *Serge Panine* com que fez a sua apresentação em Lisboa.

N'essa peça de que gostámos mediocrementemente, e cuja nomeada em França, só demonstra a grande escacez do repertorio dramático moderno, a sr.^a Favart pareceu-nos uma artista correcta, intelligente, de boa escola, e nada mais.

O papel era pallido e trivial, e ella desempenhando-o muito correctamente não o marcou comtudo, com um d'esses traços frisantes, e salientes, o cunho com que o genio chancellia as coisas mais insignificantes em que toca.

Ouvimos no theatro accusaram-n'a de ser *commune*: essa accusação é o elogio da actriz, porque vulgar, *commum*, é o papel. Entretanto nós nem mesmo como elogio a perfilhamos, porque notámos que a sr.^a Favart era muito *postigamente* grosseira n'esse papel, via-se que madame Devaurenes — creio eu — não era assim, mas queria parecer-o.

N'essa peça entre a sr.^a Favart, a actriz celebre, e o resto da companhia, não houve differença notavel, e até mesmo, as primeiras palmas espontaneas do publico não foram para ella, foram para a sr.^a Alice Melcy e para o sr. Montlouis na grande scena do terceiro acto.

E verdade que essa scena é a melhor da peça, a unica *empoignante*, mas é verdade tambem que á parte uns gritos desafinados da sr.^a Melcy, o seu desempenho por ambos foi primoroso.

Pelo *Serge Panine* os artistas francezes que ficamos conhecendo foram, além da sr.^a Favart, de quem já fallámos, e da sr.^a Melcy, uma formosa loura alta e magra, que faz lembrar a *premier abord* a Sarah Bernhardt, e que nos pareceu ter talento; a sr.^a Jeanne May uma deliciosa loura mignone, que no *Serge Panine*, fez com acerto uma ingenua dramatica, nada no seu genero; o sr. Montlouis, que é um actor distincto e correcto, o sr. Barral, que foi mediocre n'essa peça, e o sr. Angelo que foi extremamente discreto.

D'ahi por diante todas as noticias da companhia Favart, devemol-as a informações.

Sabemos por exemplo, que Jeanne May, que no *Serge Panine* pouco se viu, se poz em evidencia, obtendo o maior successo da companhia, nos monologos e saynetes, *Oh! monsieur, Lettre d'un cousin a sa cousin*, e na *Etincelle*, e na *Joie fait peur* em que foi magnifica.

Que a sr.^a Favart depois de representar sem exito a *Aventureira*, a *Julia*, teve um *four* na *Lucrecia* e logo a seguir dois grandes *sucesses* no *Paulo Forestier* e na *Joie fait peur* em que foi magistral: que Montlouis, perdeu na *Aventureira* um pouco da reputação feita no *Serge Panine*, mas que se desforrou com um grande triumpho no duque de Ferrara da *Lucrecia*: que o sr. Barral, no primeiro dia desaparecido, se tornou uma das figuras mais notaveis da troupe pela veia comica extraordinaria com que disse os seus monologos, e fez umas comedias.

E foram estas as nossas informações: e aquellas as nossas impressões. A Favart é uma boa artista, mas caminha já na decadencia, e não tem, nem teve nunca, o genio, e os dotes physicos excepcionaes, a começar pela voz — que n'ella é aspera e desagradavel — que fazem as excepcionaes celebridades, e por isso apesar da companhia ser realmente notavel, as suas recitas não tiveram em Lisboa mais do que um successo de estima.

— A febre amarella enfatiou-se da constante importação que o Brazil está fazendo d'artistas portuguezes, e começou a vingar-se d'elles.

A primeira vingança foi terrivel, porque foi logo sobre um dos maiores artistas que Portugal tinha.

A febre amarella matou no Rio, o grande actor Ribeiro.

Dias antes matára um musico portuguez de talento, o maestro Alvarenga, que fôra lá buscar gloria e dinheiro.

Alvarenga tinha inspiração mas não tinha sciencia:

era um compositor d'ouvido, como ha muitos tocadores de piano.

Fazia uma opera d'um dia para o outro, trauteando. E no meio das trivialidades mediocres com que entretinha as platéas populares, havia de vez em quando um motivo melódico bem achado, uma inspiração: elle porém não sabia, nem queria desenvolvê-la.

Contentava-se com a pequena aureola de fama que lhe davam as platéas do Principe Real e da Rua dos Condes, e uma ou duas vezes a da Trindade, contentava-se com os *couplets* pagos a *bon marché* e por cá ia vivendo.

Um dia teve mais ambições. O Brazil que enriquecia outros que valiam menos do que elle seduzia-o. Foi. E encontrou a morte como a encontrára o pobre Noronha.

Alvarenga morreu em casa de Ribeiro. O grande actor impressionou-se muito com aquella morte. Fez um enterro pomposo ao seu companheiro e ao seu patricio e teve a idéa noblissima de lhe arranjar um jazigo-monumento no cemiterio do Rio.

Poz-se a isso: organisou uma recita cujo producto devia ter essa applicação santa.

Foi n'essa recita para o jazigo de Alvarenga, que Ribeiro representou pela ultima vez. D'ali a dias a febre amarella apanhou-o a dormir ao relento e atirou com elle para o cemiterio, onde o seu amigo e o seu companheiro dormia já o grande somno.

A morte de Ribeiro é uma perda consideravel para a arte portugueza. Não ha na nossa scena muitos talentos equal aquelle.

Ultimamente Ribeiro estacionara, e ha duas epochas no theatro da Trindade que não dava que fallar de si. Esse estacionamento porém, não provinha da decadencia do seu talento, era filho de causas alheias á arte, de preocupações diversas, e talvez um pouco do estado deploravel de saude, que de ha muito fazia prever, que aquelle brilhante talento breve se apagaria.

Hoje, não faremos aqui senão registrar a sua morte: o OCCIDENTE occupar-se-ha mais largamente n'um dos seus proximos numeros do grande artista que Portugal perdeu, e então fallaremos mais de espaço d'esse actor privilegiado que deu ao nosso theatro creações notabilissimas como a de Harpagão, La Rivaudière, o pequeno das *Almas do outro mundo*, o velho da *Criança de 90 annos* o Marquez da Favart etc.

— No Gymasio houve esta semana uma noite de festa, a do beneficio do illustre actor Furtado Coelho.

N'essa noite Furtado recebeu os applausos do publico como actor e como auctor.

O nosso lucto não nos permittiu tambem assistir a essa festa, e apesar de conhecermos da leitura a *Marqueza*, a formosa peça de Furtado Coelho que n'essa noite subiu á scena, só fallaremos d'ella depois de a vermos representar, porque no fim de contas uma obra theatral só no seu meio, no theatro, pode ser devidamente apreciada.

Uma pequena nota a esta chronica. Depois d'ella escripta assistimos á despedida da Favart, e realmente as nossas informações não nos tinham enganado. Favart é notavel no *Forestrer*, e na *Joie fait peur*, mas quem é adoravel n'esta deliciosa comedia é Jeanne May, um talento encantador, uma actriz fascinante pela sua graça juvenil que nos deslumbrou, na comedia de George Sand, é na saynete *Oh! monsieur!* em que ella chega a ser inexcédível, magistral.

Gervasio Lobato.

HOSPITAL DE ALIENADOS

DO

CONDE DE FERREIRA

«Quero que os meus testamenteiros empreguem todo o remanescente da minha fortuna... em construir, onde julgarem conveniente, um edificio para o hospital de alienados, não devendo gastar no edificio mais de uma terça parte do remanescente, e acabada a obra e mobilado o hospital, farão entrega á Santa Casa da Misericórdia, d'esta cidade, não só do edificio mas tambem dos fundos sobrantes, previamente empregados em effeitos de credito publico, que farão averbar a favor do hospital e á mesma Santa Casa prestarão contas da sua gerencia com respeito ao remanescente».

Tal é a disposição testamentaria do prestante conde de Ferreira, que determinou a construcção do grande edificio inaugurado no dia 24 de março ultimo, na cidade do Porto.

Joaquim Ferreira dos Santos, 1.^o barão, 1.^o visconde e 1.^o conde de Ferreira, nascera no Porto em 4 de abril de 1782, fallecendo na mesma cidade no dia 21 de março de 1866. Contava por tanto 84 annos de idade.

A maior parte da sua fortuna alcançára-a durante uma longa vida commercial no imperio do Brazil e á data da sua morte, os haveres que deixou avaliaram-se em cerca de 1:400 contos de réis.

Os ultimos annos da existencia assignalára-os elle com actos de generosa magnanimidade, e o seu testamento, verdadeiro padrão de bom senso e de caridade, é um testemunho dos elevadissimos sentimentos humanitarios que hão de nobilitar perpetuamente a memoria veneranda de um dos filhos mais benemeritos d'este paiz.

Além de legados quantiosos feitos a grande numero de estabelecimentos pios e depois de deixar garantido o futuro dos seus parentes mais proximos, dispoz o insigne titular de 144:000\$000 para a construcção de 120 casas para escolas primarias dos dois sexos, creou 80 dotes de réis 500\$000 para outras tantas raparigas pobres e honestas, contemplou com esmolas importantes viúvas e necessitados e por fim, para coroar toda esta obra sublime de beneficencia, prescreveu que o remanescente dos seus haveres se destinasse á fundação de um hospital de alienados na terra que lhe fôra berço.

Segundo o testemunho do esclarecido professor do Lyceu Central do Porto, o sr. Domingos de Almeida Ribeiro, que fôra quem escrevera o testamento do finado conde, esta ultima disposição inspirára-lh'a o caridoso monarcha D. Pedro V, que conversando um dia com o conde de Ferreira indicára por casualidade a conveniencia de um estabelecimento d'aquella natureza n'esta cidade.

A lembrança, como se vê, callou no animo do generoso milionario e o hospital ahí está erguido, depois de longos annos de construcção, na qual se dispenderam mais de 520 contos.

O projecto do edificio foi elaborado pelo professor de architectura civil da Academia Portuense de Bellas-Artes, Manuel de Almeida Ribeiro, sendo depois da sua morte dirigida a construcção pelo sr. Faustino José da Victoria, director das obras publicas do districto do Porto, que fez varias alterações ao primitivo plano.

Não nos propomos analysar aqui essas modificações, mas de passagem apenas diremos que o visitante estranhará ao entrar n'aquella grandiosa edificação, a mesquinhez do atrio e o não haver alli uma escadaria de honra, se assim lhe quizerem chamar, ampla e bem disposta, mas apenas uma escada unica collocada ao lado esquerdo do vestibulo.

Ao fundo d'esse atrio, que era mais monumental no projecto primitivo, improvisou-se uma capella, que tal nome só pode ter, por se ver alli um altar mais que modesto.

A cozinha ficou bastante acanhada por ser mudada a sua situação para o sitio em que está instalada, finalmente outras alterações se fizeram, que sem desmerecerem o subido valor do projecto do sr. Almeida Ribeiro, mostram comtudo o quanto pôde ser prejudicada uma construcção quando não é seguida e vigiada pelo seu proprio auctor.

O hospital de alienados do conde de Ferreira, situado a cerca de tres kilometros de distancia do Porto, no sitio denominado Cruz das Regateiras, divide-se em quatro corpos, que se comunicam entre si, tendo cada um dos dois principaes, que correm parallellos, 200 metros de extensão. Está voltado ao nascente e rodeiam-n'o amplos tratos de terreno ajardinados e cultivados, o que lhe dá todas as condições de hygiene requeridas em semelhantes edificios.

A fachada é de uma simplicidade elegante e harmoniosa, coroando-lhe o frontão a estatua do fundador, de marmore de Carrára, trabalho do apreciado escultor Teixeira Lopes.

As enfermarias e todos os outros aposentos destinados aos doentes, são espaçosos, bem ventilados e banhados de luz abundante, possuindo n'isso como em mobilia e em todos os outros requisitos, as prescripções mais modernamente aconselhadas pela medicina.

O hospital tem accommodações para 317 doentes e 60 empregados, sendo 104 de 1.^a e 2.^a classe servidos por 22 empregados e 213 de 3.^a por 38.

Ha enfermarias, gabinetes e compartimentos cellulares para doidos tranquilos, agitados, furiosos, immundos, convalescentes, de observação e de molestias intercorrentes.

A 1.^a e 2.^a classe são formadas exclusivamente de doentes pensionistas, cujas pensões mensaes são respectivamente de 45\$000 e 30\$000 réis e a 3.^a por pensionistas de 3.^a classe e indigentes, sendo a pensão dos primeiros, de 9\$000 réis mensaes.

Conta mais o estabelecimento cinco refeitórios e quatro salas de reunião para cada sexo; uma excellente casa de banhos, com um apparelho de *douches* do dr. Beni Barde, tendo importado todo o material d'esta secção do hospital em 2:984\$220; e uma lavanderia a vapor, perfeitamente montada e cuja instalação custou cerca de 7 contos de réis.

O edificio é abundantemente abastecido d'agua, podendo cada um dos seus habitantes dispôr de 200 litros por dia. As canalisações, bem como alguns outros apparelhos e obras de ferro, incluindo o magnifico fogão da cozinha, foram fabricados nas officinas de fundição da Empresa Industrial Portugueza, estabelecida em Lisboa.

A iluminação nas enfermarias é feita a azeite e a dos corredores com luz de gaz. O serviço interno é facilitado por meio de apparelhos telephonicos convenientemente dispostos.

Emfim, para que nada falte a um estabelecimento tão bem organizado, existe affastada do edificio, uma casa destinada a autopsias e a gabinete de physiologia, afim de que o hospital possa servir não só de asylo de alienados, como de escola pratica de doenças mentaes.

Ao terminarmos esta rapida descripção, seria injustiça cruel não inscrever aqui, aureleado com o subido louvor que merece, o nome do sr. dr. Antonio Maria de Senna, director clinico do estabelecimento.

A sua reconhecida competencia como medico alienista, competencia conquistada não só nas suas viagens scientificas ao estrangeiro, como nos estudos perseverantes da especialidade a que dedica o seu vasto saber, não só contribuiu já para muitos melhoramentos valiosos introduzidos no serviço do hospital e na sua organização, como deve concorrer, de futuro, com grande proveito para a humanidade, para o mais perfeito desempenho do melindroso cargo que lhe está commettido.

A memoria escripta por s. ex.^a ácerca do hospital que dirige e o seu projecto de regulamento para o mesmo, são documentos de um alto interesse e que testificam exuberantemente os seus vastos conhecimentos sobre a materia.

Os restos mortaes do prestante conde de Ferreira repousam em um mausoleu erguido no cemiterio privativo da Ordem da Trindade, no cemiterio publico de Agramonte.

A gravura que o OCCIDENTE hoje publica d'esse monumento dispensa qualquer descripção minuciosa. Apenas referiremos que a formosa estatua em marmore de Carrara, que o adorna, é devida ao eminente estatuário portuense Soares dos Reis, achando-se o modelo em gesso na galeria da Academia Portuense de Bellas Artes.

Manoel M. Rodrigues.

ESTABELECIMENTOS SCIENTIFICOS DE PORTUGAL

OBSERVATORIO METEOROLOGICO

NA SERRA DA ESTRELLA

O observatorio meteorologico na Serra da Estrella, na altitude de 1440 metros sobre o nivel do mar, está assente em um pequeno planalto, 5 ou 6 kilometros acima da Villa de Manteigas.

Foi suggerida a idéa da sua construcção em agosto de 1881, quando a commissão scientifica da Sociedade de Geographia de Lisboa, foi em exploração áquella serra e por ordem do Ministerio das Obras Publicas foi levada a effeito em dezembro do mesmo anno, pela Direcção das Obras Publicas da Guarda, sendo a importancia dos instrumentos, bem como do costeo do pessoal e material do posto por conta do Ministerio do Reino.

Funciona este posto desde 20 de janeiro de 1882. A modesta casa que serve de observatorio e de morada aos observadores é, como se vê da estampa junta, um simples rez do chão, com a frente voltada para Leste; tem diversas divisões internas, achando-se installado um barometro e o barographo para registo continuo da pressão atmospherica na casa que olha para o Norte, a qual serve tambem de gabinete de trabalho.

Todos os mais instrumentos estão fóra da casa e apropriadamente expostos, ficando o psychrometro, os thermometros de maxima e minima, e um thermographo Richard dentro de um abrigo de venezianas, pintado de branco.

Um anemographo portatil para o registo da força e direcção do vento, o udometro e evapometro, bem como thermometros de irradiação solar estão collocados em varios pontos proximos e elevados em relação á casa.

Desde a inauguração do observatorio que ahi se tem mantido firmes nos seus postos de observadores, arrostando com a intemperie das estações e toda a falta de commodos, o director d'aquelle estabelecimento o sr. Augusto de Brito Capello, o ajudante Agostinho Vieira da Silva, e um servente, e embora o posto seja só provisório e por assim dizer d'ensayo; já tem colhido dados de summo interesse para a sciencia meteorologica, em virtude da consideravel elevação do local; ainda assim seria muito para desejar vê-lo transportado para o mais alto cume da serra, o que não se tem já levado a effeito por maiores difficuldades de instalação.

R.

A QUESTÃO DO ZAIRE

E O

MAJOR LUIZ QUILLINAN

Não é novo, nem singular que estrangeiros nos queiram desapossar do que nossos maiores ganharam á custa de tantas fadigas, tantas privações, tanto sangue derramado.

Em quanto inglezes e francezes, e estes sobre tudo, exaltam e celebram os menores feitos dos seus conterraneos, ainda aquellos onde se podem descobrir as nodos mais escuras, não pouparam ensejo de encobrir, desvirtuar e até pôr em duvida os nossos, e o que é mais ainda, procurar por meio de pretensões, e meios cavilosos dermir e apagar os nossos direitos seculares.

Parece que os affrontam as glorias portuguezas; percebe-se que lhes cause certo nervosismo considerar que enquanto elles se debatiam em commoções civis pouco humanas, e em piraterias pouco christãs, este pequeno povo devassasse os mares, dissipando os terrores de que o haviam povoado, descobrisse milhares de leguas de terras desconhecidas, estabelecesse sobre reinos potentes o seu dominio com peito constante e braço forte, deixando apenas para essas grandes nações um papel muito secundario nos fastos da geographia.

Os segredos da providencia são insondaveis, e porisso a despeito de francezes, inglezes, belgas, hollandezes e quantos o intentarem obscurecer, o nome de Portugal hade ser sempre o astro luzente que derrama sobre os seculos xv e xvi o brilho refulgente d'uma luz inolvidavel.

Nem todos os estrangeiros são injustos, nem todos esquecem esses serviços. Sem fazer alarde de nomes bastará citar no seio d'essa mesma Inglaterra, que tantas vezes tem querido questionar os nossos direitos, o nome de Ricardo Henrique Major, o sabio auctor da vida do infante D. Henrique, que n'esse livro levantou um monumento aos descobrimentos portuguezes.

Se Jacob Brighth, se Anderson, e os mais deputados inglezes lessem ao menos os livros que se publicam no seu paiz, escriptos na sua lingua, não diriam as inconveniencias, por não lhe chamar outra coisa, que, infelizmente para o seu nome, soltaram no parlamento britannico, contra um paiz heroico, serio, que nunca questionou o direito dos outros, que procura governar-se cordatamente, e que melhor poderia dirigir as suas colonias se a Inglaterra, lhe não tentasse sempre cortar os meios d'isso.

Não invejamos a gloria d'aquelles deputados. Não seria difficil entre os empregados magnificamente remunerados da Gran-Bretanha encontrar prevaricadores; ainda ha poucos annos se viram os mysterios nefastos da sua policia.

Se em Portugal apparecesse um Hastings, não só não se demoraria tantos annos no seu governo, mas o seu processo não correria pelo modo como correu na Inglaterra. Entre os grandes homens portuguezes do seculo xvi, alguns houve que soffreram prisões e desterros por causas infinitissimamente menores. Não consta que nenhum official da marinha portugueza traficasse jámais em escravatura, nem que em castigo d'esse delicto se lhe desse melhor commissão. Qualquer almirante portuguez se tivesse um dia que in-

vadir uma costa maritima, palpitar de emoção e cobriria com a sua bandeira em respeito um ponto que se chamasse *Cabo de Sagres!*

Trataremos depois do que são as questões do Zaire e diremos o que cerco de uma aura popular o nome de Luiz Quillinan.

Por causa de varias duvidas e seguranças para a região que desde quatro seculos possuímos no Zaire, por nós descoberto, entrou o governo portuguez em negociações com o inglez para um tratado definitivo, cujas condições são por ora desconhecidas, mas que devemos esperar sejam convenientes á nossa posse irrecusavel d'aquella região. Conhecidas estas disposições pelos inglezes, comecaram as interpeleções nas camaras, as reuniões de commerciantes, pedindo que não se fizesse tratado algum com Portugal, ou que não se reconhecesse a soberania d'este paiz sobre aquellos territorios.

Na sessão de 3 do corrente em que se discutia uma moção de Jacob Brighth sobre esse assumpto foi o nosso nome injustamente viupendiado por varios deputados. *Whitley* chasqueou dos nossos direitos, *Bourke* foi de opinião que os portuguezes estabelecidos no Zaire, levariam consigo a escravatura, sendo certo que já ha quatro seculos lá a encontram e hoje são os primeiros a repellil-a; *Anderson* ousou chamar a Portugal potencia desprezivel, *Brighth* esse então fez uma pintura desastrada do nosso dominio; fallou do exaggero das pautas, da ignorancia, pouca educação, e corrupção dos nossos empregados, pela sua má retribuição, do pouco cuidado com que em Portugal se dão os monopolios, da carestia de transportes, da falta de estradas no ultramar, fallou dos perigos da occupação do territorio por tropas portuguezas, disse que tratamos mal os indigenas, que até tornamos esteril a terra que occupamos, e que regemos as nossas provincias exactamente como a Turquia!

As expressões do deputado não foram tão macias, como se vê n'este pallido resumo, e com quanto elle mostrasse no seu discurso, e os mais, tanta ignorancia da historia, como cegueira, e certo que o orgulho britannico que se lhe revê das palavras, causou profunda impressão em todos os portuguezes.

Luiz Quillinan, major de cavallaria portugueza, hoje addido militar da nossa legação em Londres, não lhe soffreu o animo ver assim a sua patria offendida no parlamento de uma nação que estamos no habito de chamar *amiga e fiel aliada*, e escreveu uma carta ao atrabilario deputado desagravando a nação portugueza dos improperios que a seu respeito soltára o sr. Brighth.

No parlamento portuguez tambem a voz de dois deputados os srs. Sarrea Prado, e Manuel d'Arriaga se levantou para protestar e devolver aos desvaierados deputados inglezes as suas affrontas, dizendo o primeiro que não retirava nenhuma das suas expressões, e o segundo, chamado á ordem, declarando que se submettia á imposição do sr. presidente e só lamentava que no parlamento britannico não tivesse havido um presidente que chamasse á ordem aquellos deputados.

A acção do sr. Luiz Quillinan, que, estamos persuadidos qualquer official portuguez na sua posição praticaria, e que a qualquer portuguez lhe corria obrigação de o fazer, despertou os sentimentos nacionaes, e todas as classes dirigiram e dirigem felicitações ao nosso compatriota, que demais a mais é oriundo de inglezes, pelo seu nobre procedimento.

Apresentando pois aos nossos leitores o retrato do major Luiz Quillinan, por se referir a um facto da actualidade seguilo-hemos de algumas notas biographicas.

(Continua).

A. B.

CARTAS DE A. LOPES MENDES

AO SEU AMIGO

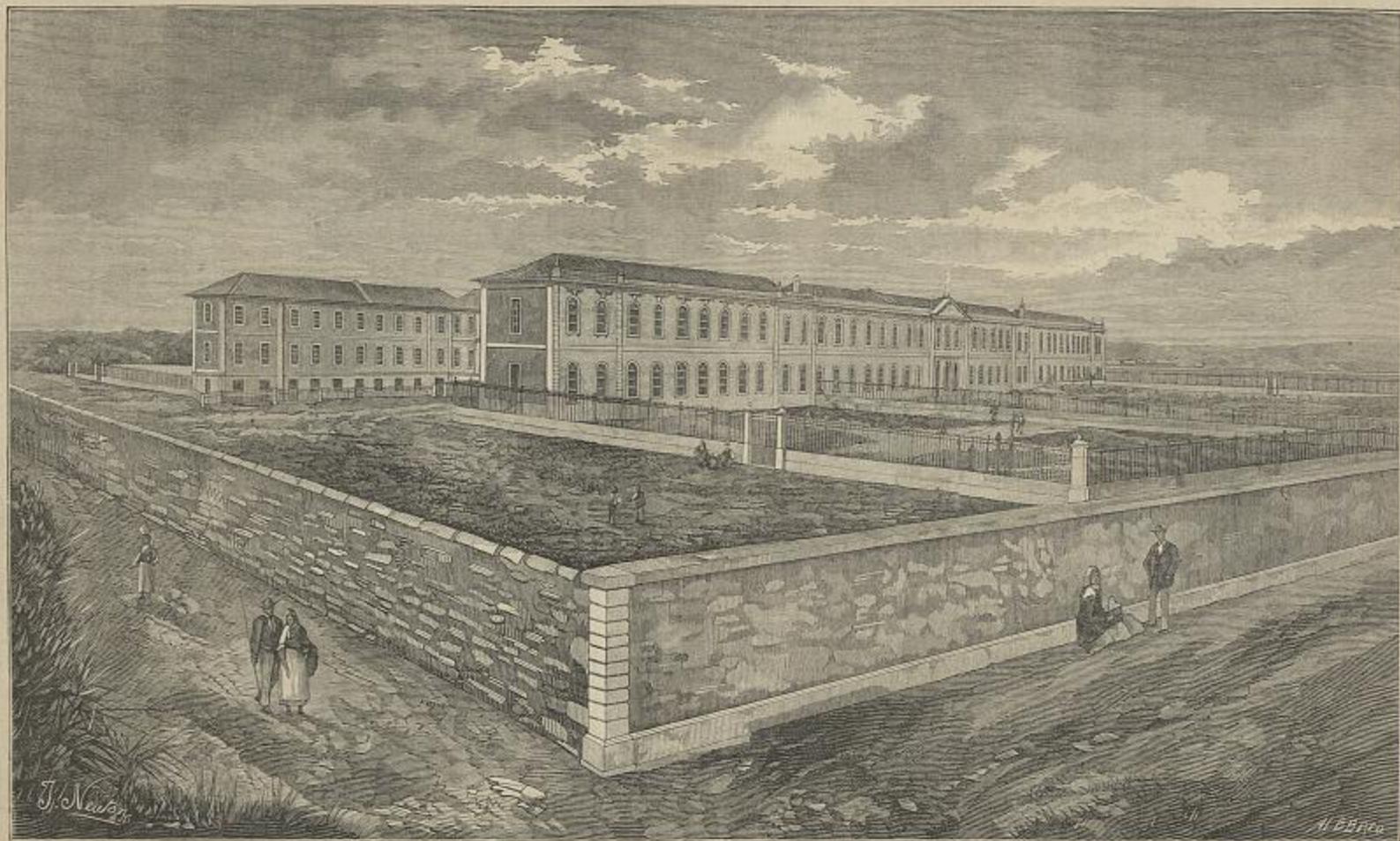
DR. AUGUSTO CESAR DA SILVA MATTOS

3.^a carta

Rio de janeiro, 22 de dezembro de 1882.

Amigo Mattos. — Deve ter recebido a carta que lhe dirigi de Cantagallo, com o desenho e descripção d'aquella cidade.

Agora escrevo-lhe do Rio de Janeiro, aonde



PORTO—HOSPITAL DE ALIENADOS DO CONDE DE FERREIRA—inaugurado em 24 de março de 1833. (Segundo uma photographia de Silva Pereira & Ferreira)

voltei, para brevemente tornar a sair em direcção a S. Paulo, que pretendo visitar antes de me dirigir a outros pontos do imperio.

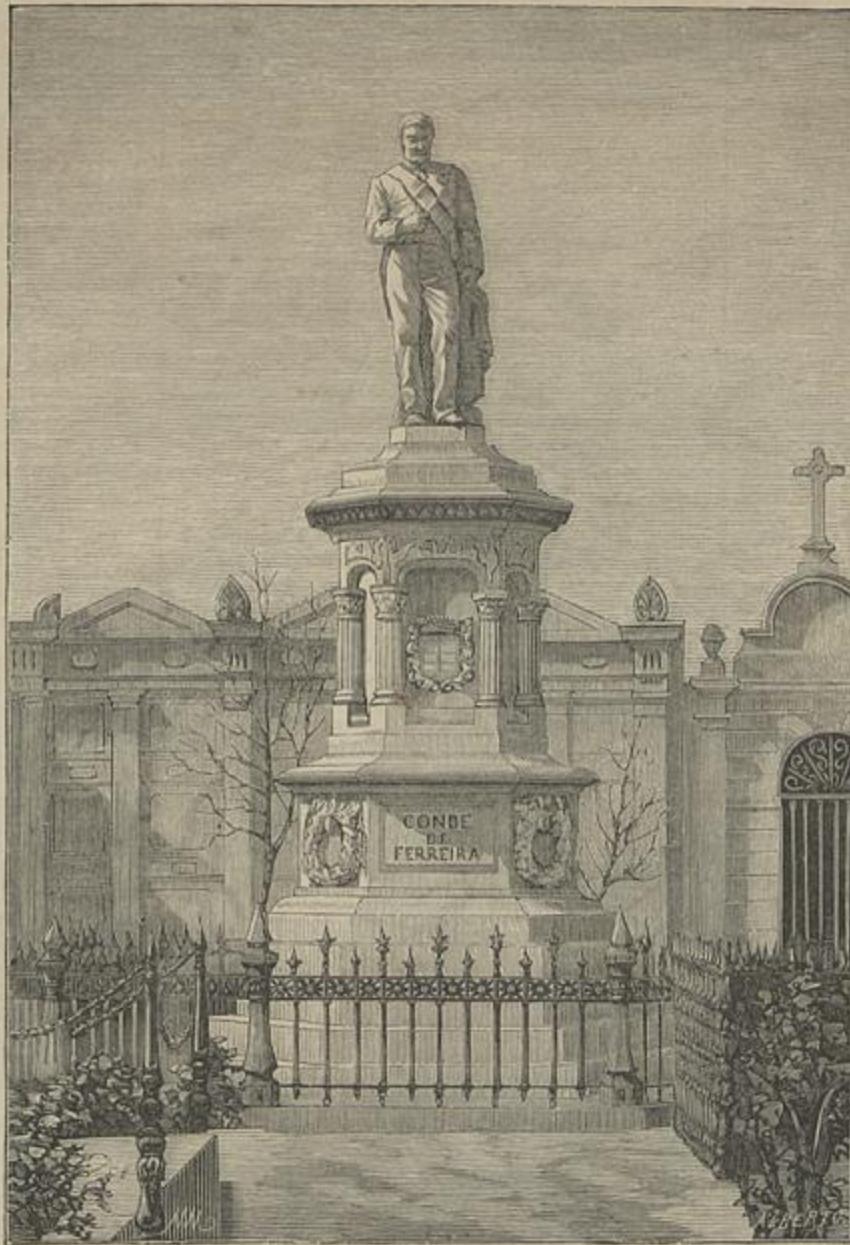
Hoje dir-lhe-hei, ainda que mui resumidamente, alguma cousa sobre a esplendida bahia do Guanabara ou do Rio de Janeiro. Esta bahia não é formada por um rio, como quasi todas as bahias; e por isso os aborígenas do Brazil, que teem geralmente na sua linguagem nomes apropriados para designar cada localidade, lhe deram mais significativa denominação, chamando-lhe o paiz de *Nitheroy* ou da agua occulta.

A cidade de Nitheroy, que é actualmente capital da provincia do Rio de Janeiro, está situada a leste da bahia, nas vertentes da montanha fronteira á capital do imperio, que é um municipio neutro e que assenta na margem occidental da mesma bahia, demorando a parte antiga em terrenos planos e a mais moderna nas elevações proximas d'elles.

A capital do imperio está approximadamente distante seis kilometros d'esse grande rochedo conico, sobre que passa o meridiano do Rio de Janeiro, e a que se deu a denominação de Pão de Assucar.

Logo que se entra a barra, comprehendida entre a fortaleza de Santa Cruz, á direita, e o forte de S. João, á esquerda, na base do Pão de Assucar, e que se passa além da pequena ilha da Lage, encontra-se a amplissima e famosa bahia, que Mem de Sá escolheu em 1567, para aqui cumprir o voto de uma excelsa rainha e fundar uma cidade, que devia tornar-se em menos de tres seculos, rival de Lisboa.

A forma da bahia é irregular e triangular; a linha, segundo a qual se estende para a sua extremidade septentrional, mede 30 kilometros do Pão d'Assucar

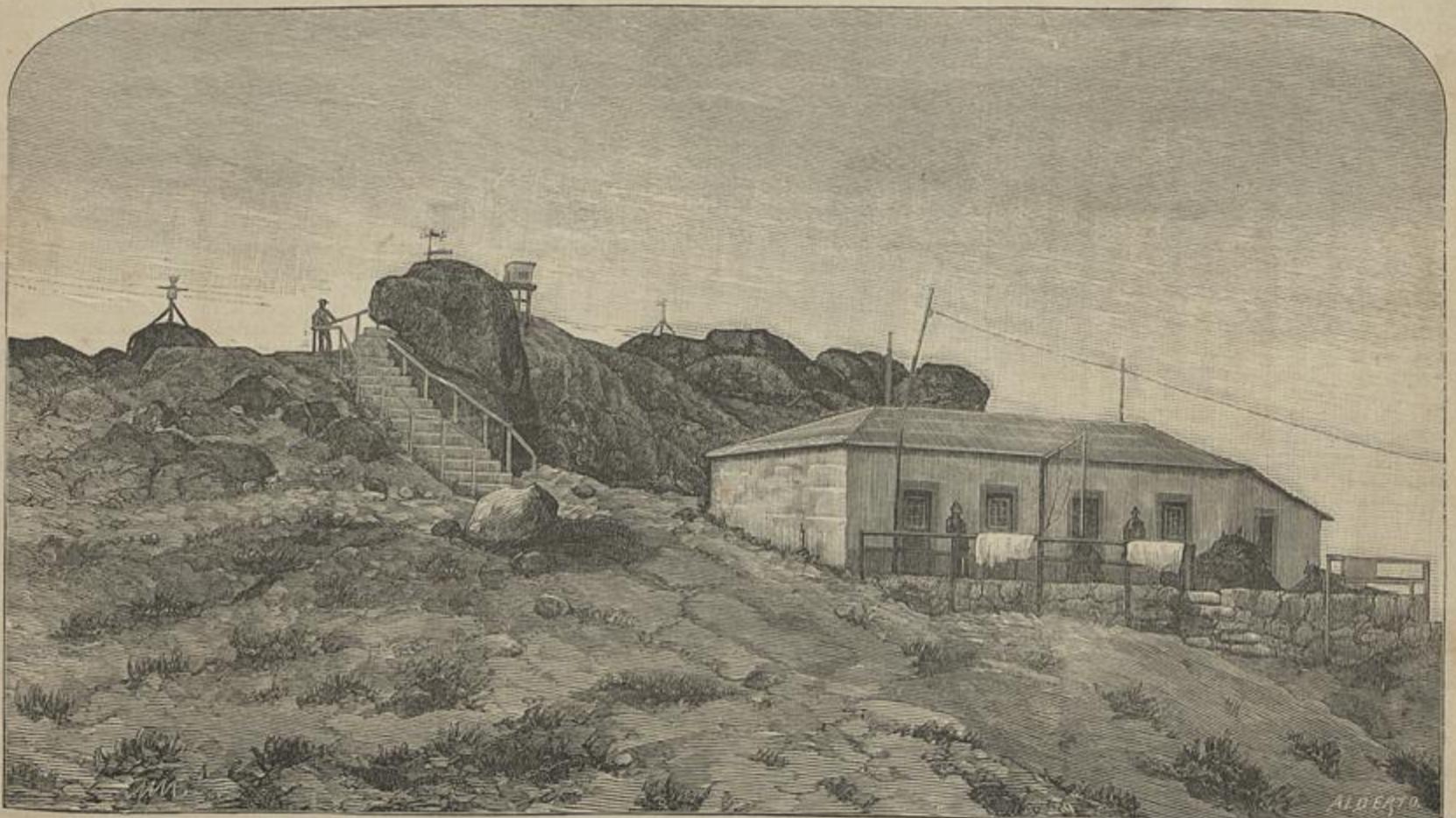


PORTO — MAUSOLEU DO CONDE DE FERREIRA NO CEMITERIO DE AGRAMONTE
(Segundo uma photographia de Sala & Irmão) Vid. artigo Hospital de Allenados do Conde de Ferreira

á Piedade; a que se dirige, partindo da Ponte da Pedra, a leste, para Irajá, a oeste, tem 25 kilometros. Não é, pois, sem motivo, que se celebra a extensão immensa d'esta bahia, e que se tem chegado a dizer, que só ella poderia conter todos os navios do globo.

Impellido por uma branda vi-
ração, e quasi sempre abrigado dos ventos perigosos, o navegante que penetra no Guanabara, dirige com surpresa a vista para uma multidão de pittorescas ilhas e ilhotas, que n'ella se encontram. É a ilha de Villagaignon, que recorda aos francezes e holandezes antigas lembranças historicas; a ilha das Cobras, com os famosos dikes e o seu arsenal de marinha, e que defende com aquella o ancoradouro; entre estas vê-se a ilha dos Ratos, com edificações modernas e povoada de coqueiros; mais adiante as ilhas das Enchadas, Santa Barbara e Bom Jesus, onde está o asylo dos Invalidos da Patria, edificado pelo coronel Carneiro Leão sob a inspecção continua do imperador. Em seguida a ilha do Governador, que não tem menos de 12 kilometros de extensão; a de Paquetá, que se distingue pelo bellissimo aspecto e suas caieiras de marisco, e onde esteve deportado o illustre José Bonifacio de Andrade e Silva, por muito amar a sua patria. Outras muitas ilhas e ilhotas, povoadas de bonitas e alvejantes casinhas dessiminadas por entre frondoso arvoredo, parecem destinadas a receber as formosas fluminenses durante os seus noivados.

Quando o vapor dá fundo no Guanabara, a vista naturalmente se dirige com assombro em torno d'este grandioso e esplendido lago, sulcado de embarcações de todo o genero e de todas as potencias maritimas do globo, menos de Portugal, que deveria ter aqui uma esta-



ESTABELECIMENTOS SCIENTIFICOS DE PORTUGAL — OBSERVATORIO METEOROLOGICO NA SERRA DA ESTRELLA (Segundo uma photographia)

ção naval, e sobre tudo um ministro, do caracter do sr. visconde de S. Januario; porque o respeito de uma nação depende muito do caracter do ministro que a representa.

O que em primeiro lugar se offerece á contemplação e consideração do viajante, é a disposição orologica das montanhas que circundam a bahia, a exuberante vegetação que as reveste, as collinas semeadas de elegantes construcções urbanas, rodeadas de chacaras ou jardins; a indisivel amenidade do ar atmosferico e a pureza das crystalinas aguas da bahia, aonde se reflete esta formosa paisagem.

A amenidade do ar, a frescura das aguas, a variada e opulenta vegetação, os ruidos apraziveis que vem da cidade e ilhas vizinhas, tudo, emfim, desperta idéas poeticas e convida a um flaxido repouso.

Se ante os olhos estão as collinas de forma arredondada, constituídas por accumulacões de argillas e marnes, interrompidas por algumas fendas accidentaes, por alguns declives irregulares, que revelam a existencia de uma infinidade de fontes crystalinas, que dão vida ás plantações das chacaras, ao longe, ao norte da bahia, os picos uniformes e nublados da Serra dos Orgãos, fazem pensar nas grandes solidões, nas florestas virgens e nos aborigenes que alli viviam no tempo da conquista pelos portuguezes.

Subindo a serra dos Orgãos, desde Silva Lopes, proxima ao rio Soberbo, até encontrar o *Enconha* ou corgo do Garrafão, que atravessa a estrada junto da *Fonte do Imperador D. Pedro II*, assim denominada, por S. M. Imperial alli haver bebido dois copos d'agua, quando visitou Theresopolis; quem contemplar o Frade, parecer-lhe-ha um monstruoso e perfeitissimo garrafão, o qual se fosse oco e estivesse cheio do divino liquor que a *victis vinifera* do Douro produz, seria o templo mais grandioso e digno de S. Martinho.

Este enorme rochedo, o Dedo de Deus e outros são inacessiveis.

Como ficaria entusiasmado se aqui se visse, entre o *Dedo de Deus* e o *Frade*, como nos vimos entre o cantaro *Gordo* e o *Magro* em Portugal, o meu amigo e companheiro de trabalhos na serra da Estrella, dr. Pedro Augusto Ferreira, abbade de Miragaya?!

A fauna, a flora e a geologia d'esta serra, são uma fonte copiosa de elementos de estudo para o zoologista, o botanico e o geologo.

Prolonguem o caminho de ferro de Petropolis até esta zona, e Theresopolis será a princeza das regiões agricolas brazileiras; passando Petropolis a ser sua gentil dama de honor.

Se o cone de granito perphyroide, denominado Pão d'Assucar, que está, como dissimos, á entrada da bahia, excita por seu aspecto e altitude, medindo 392 metros acima do nivel do mar, a admiracão do viajante, que pela primeira vez o vê, o Corcovado, que tem 684 metros, não deixa uma impressão menos energica, e a forma de que lhe provém o nome se representa em toda a extensão do Guanabara, com um caracter tão pittoresco, que o distingue das outras montanhas que circundam a bahia.

Estas montanhas são formadas de granitos escuros porphyroides e de grandes crystaes de feldspath rosado, como o rochedo que constitue a collina da Armação, em Nictheroy, e o granito da ilha de Paquetá; de outros granitos pardos, ligeiramente mosqueados de particulas micaceas, como o da montanha do Matheus, perto da estação do Engenho Novo, no caminho de ferro D. Pedro II, e emfim, de outros claros, ligeiramente amarellados ou rosados, como o de Botafogo.

A collina de Santa Thereza é formada de gneiss claro, e a de S. Christovão egualmente, tendo n'esta ultima o gneiss veios brancos e pretos.

Dykes de porphyro, de diversas côres, de forma e natureza da diorite, acham-se sobre os flancos do Corcovado, sobre a Tijuca, a collina de Santos Rodrigues, em a ilha de Villagaignon e em outros pontos da capital do imperio.

(Continua)

A. Lopes Mendes.

RICARDO WAGNER

I

(Continuado do n.º 153)

E' de 1870 um folheto intitulado *Sobre a direcção das orchestras (Ueber das Dirigiren)* e a comedia *Uma capitulação*, satyra violenta á França por occasião da guerra franco prussiana; E' este o escripto que mais impopularidade deu a Wagner entre os francezes. E' ahí que elle os define como «un peuple de singes et de tigres», repetindo a phrase de Alfieri.

Em 1871 compõe a *marcha imperial (Kaiser Marsch)* e é nomeado para o cargo honorario de director geral da musica do rei da Prussia.

Mas á realisacão das ideias de Wagner relativamente ao theatro era indispensavel a construcção d'um edificio original. A execucao do *Amel do Nieblung*, que devia occupar quatro noies, e que exigia, para ser completa, o emprego de scenas e mecanismos excepcionaes, não podia tambem fazer-se n'um theatro ordinario.

Quando se tratou da edificacão d'um novo theatro normal, nacional-allemao, supoz-se que Munich seria a cidade escolhida. O rei Luiz persou em fazel-o, com effeito, na sua capital, mas a côrte opoz-se com inergia.

Wagner escolheu então Bayreuth.

Os donos dos hoteis e estalagens de Munich reuniram-se todos para offerecer a Wagner o edificio para o theatro á sua custa, com tanto que elle fosse na capital da Baviera. Wagner recusou.

Bayreuth é uma villa pequena de provincia, rodeada de montanhas, de grupos de pinheiros, e de uma vida agricola, activa, mas serena:

Foi ahí que a 22 de maio de 1872 se lançou a primeira pedra do theatro de Wagner: n'essa occasião uma orchestra, dirigida e ensaiada por Ricardo Wagner, executou a 9.ª symphonia de Beethoven, a obra d'arte que, segundo o proprio Wagner, annuncia já, na última maneira do grande mestre do começo d'este seculo, a revolução actual da musica dramatica.

Os meios pecuniarios para a construcção do theatro de Bayreuth foram, além da protecção valiosa do rei da Baviera, encontrados em subscrições principalmente colligidas pelas numerosas *Sociedades Wagnerianas* das cidades allemas de Londres, de Pesth, de New-York, de Chicago, de Milão, etc.

O theatro concluiu-se em 1875, e *O amel do Nieblung* começou a estudar-se.

Os planos primitivos do theatro foram do architecto Semper; os planos definitivos e a direcção da construcção pertencem a Guilherme Neumann.

O OCCIDENTE publicou já uma descripção do theatro e uma gravura representando o seu interior.

Em abril de 1872 Wagner deixou Triebchen, junto a Lucerna, para ir residir em Bayreuth.

A pouca distancia do theatro, Wagner fez construir uma casa, para sua morada, a que pôz o nome de Wahnfried que significa a *illusão da paz*: É uma casa que tem o aspecto simples, forte e harmonioso d'uma construcção grega ou latina. No tympano do frontão vê-se uma pintura a fresco que representa uma das scenas do *Nieblung*.

Nas salas do interior distinguem-se principalmente, por entre uma grande copia de objectos de arte, as estatuas em marmore dos heroes das operas de Wagner e muitas vistas do Oriente.

Wahnfried está rodeada de arvores e plantas trepadeiras. Pela parte de traz ha uma horta, um jardim, uma estufa, um aviario, um pequeno pavilhão e um espaço com aparelhos de gymnastica; um arvoredor encerra tudo isto e esconde-o, ás vistas dos indifferentes.

E na espessura d'esse bosque que, já em vida de Wagner, se via o tumulo onde elle repousa agora e que consiste apenas n'uma larga lajea de marmore, quasi ao nivel do terreno, entre as vejetações sylvestres.

Em Portugal, onde floresce ainda, entre os artistas que nada fazem, a lenda das inspirações romanticas da noite, é conveniente dizer que Wagner, como todos os grandes trabalhadores, trabalhava de dia: Ás 6 horas da manhã estava a pé e antes das 11 da noite já repousava.

Em 1876 o *Amel do Nieblung* representou-se finalmente, completo, no theatro de Bayreuth. É a mais colossal obra d'arte que existe: Como as antigas tragedias gregas compõe-se de quatro partes que formam quatro dramas independentes.

O prologo, *O ouro do Rheno, (Das Reingold)*, foi executado a 13 de agosto de 1876; a 1.ª parte, *A Walküre (Die Walküre)* foi executada a 14; a 2.ª parte, *Siegfried*, a 16, e a ultima finalmente, *O crepusculo dos Deuses (Götterdämmerung)* a 17.

Uma assembléa composta de imperadores, reis, artistas, e criticos de quasi todas as nações do mundo, — desde a Allemanha até ao Brazil, — escutou esta estupenda interpretação musical da velha epopeia das raças do norte.

Hans Richter, o celebre regente de orchestra de Munich, de Pesth e de Vienna, especialmente educado por Wagner desde 1866, foi o director da orchestra. Os artistas eram os melhores de toda a Allemanha, e haviam seguido, durante muito tempo, methodicamente, a aprendizagem do novo genero musical.

Em 1876 as commissões das senhoras america-

nas de Nova-York, Philadelphia e Cincinnati, para a celebração do centenario da Independencia americana, encommendaram a Wagner uma composição para ser executada na abertura da Exposição de Philadelphia.

Ricardo Wagner interrompeu o trabalho dos ensaios dos *Nieblungen* e os preparativos para a representacão em Vienna e Berlim do *Tannhäuser* e de *Tristão e Isolda*, para escrever a *Centennial march*.

A epigraphe d'esta composição, dedicada ás mulheres dos Estados Unidos da America, é os dois versos de Goethe, que dizem:

«Nur der verdient sich Freiheit wie das Leben

Der täglich sie erobern muss.»

«Só tem direito á liberdade e á vida,

O que diariamente trabalha para conquistar uma e outra.»

Esta marcha, instrumentada por forma a obter effeitos de sonoridade prodigiosos, foi executada por uma numerosissima orchestra, dirigida por Theodoro Thomas, ao ar livre, entre o *Main Building* e o *Memorial Hall* da Exposição de Philadelphia, no dia 10 de maio de 1876.

Em 1877 Ricardo Wagner escreveu o poema de *Parsifal*, cuja musica estava completa em 1880: A 26 de julho de 1882 era representado em Bayreuth o ultimo drama musical de Ricardo Wagner.

Em 1878 o maestro funda, com João Paulo, barão de Neuhaus e Wolzogen, critico musical, auctor de muitas obras explicativas das operas de Wagner, a publicação periodica denominada *Bayreuther Blätter (Folhas de Bayreuth)*.

Este jornal permite a Wagner expandir as ideias complexas do seu espirito encyclopedico: O maestro lia immenso e preocupava-se com todas as questões importantes do seu tempo. As doutrinas de Darwin, e todo o moderno movimento philosophico das sciencias naturaes, o interessava vivamente. As *Bayreuther Blätter* publicou, entre muitos outros, um notavel artigo contra a *iviseccão*, devido a Ricardo Wagner, que tinha para com os animaes a sensibilidade de um verdadeiro Brahmane. É n'esse artigo que melancolicamente elle repete, referindo-se á sociedade actual, a phrase do *Fausto* de Goethe: «Os proprios cães não desejarão viver n'um similhante mundo.»

A 13 de fevereiro d'este anno de 1883, Ricardo Wagner morre no palacio Vendramino de Veneza, á beira d'um dos canaes sombrios da tragica e morta cidade.

O seu corpo foi transportado, com todas as honras, para aquelle tumulo do bosque de Wahnfried, onde o cão fiel, *Rus*, já de ha muito o *esperava*.

Ricardo Wagner deixa um unico filho, *Siegfried*, afilhado de madame Judith Mendes, filha de Theophilo Gauthier e mulher do poeta parnasiano, judeu e portuguez, Catulle Mendes.

(Continua)

V. de D.

O MAJOR JOÃO CARLOS RIBEIRO

E A

SUA COMMISSÃO NO CONGO

(Continuado do numero antecedente)

Os inglezes têm toda a qualidade de mimos para atrahir as creancas, e toda a sorte de fazenda para dar aos paes. Pelo que toca a soccorros, já não digo de medico, mas de remedios e instrumentos cirurgicos, a nossa missão está completamente ao abandono, a ponto de eu, sob minha responsabilidade, lhe fornecer alguns medicamentos dos que levei na ambulancia.

Nos dias 3 e 4 de novembro chegaram alguns embaixadores que o rei tinha mandado a Quinga, e a quem tinhamos entregado a nossa correspondencia, e por elles nos foi assegurado que ali não deixavam passar carregadores, e que mesmo as nossas cartas e officios lá permaneciam por não consentirem os chefes d'aquelles e outros povos que cousa alguma passasse para Noki e Mossuco.

Segundo o que tenho ouvido dizer, julgo que o principal motivo da guerra é causado por se julgarem com direito ao tributo dos negociantes de Mossuco, aquellas feitorias, e em despique impedirem todo o commercio com os europeu; o rei do Congo tambem não é estranho a este estado de cousas, porque tambem quer explorar os negociantes, aos quaes escreveu pedindo que cada branco lhe dêsse um certo numero de peças de fazenda, etc., e a mim me pediu elle para que fizesse lembrar aos brancos de Noki e Mossuco a sua carta, e que fizesse eu os possiveis para os decidir a que lhe satisfizessem o seu pedido. Elle não tem influencia alguma nos povos mais afastados de S. Salvador, são os principes

das margens do Zaire que recebem todos os tributos dos negociantes, e quando se pretende construir alguma casa ou adquirir terrenos, é a estes príncipes que se paga o *costume*, como elles lhe chamam.»

Achando-se pois, Ribeiro, impossibilitado de concluir a armação da casa, vendo que o rei a nada dava solução e considerando que o mais importante estava feito, resolveu ir tratar pessoalmente a questão.

Tendo-se o carpinteiro da missão responsabilado pelo acabamento da casa, e confiando já o major na sua aptidão, deu ordem ao carpinteiro Chaves para o acompanhar, e começou a dispôr as suas coisas de modo que podessem partir para Quinga no dia 21 de novembro.

Custou muito a resolver os negros a acompanhá-los, com medo da guerra que havia pela passagem, mas por fim animados com a presença dos quatro brancos que vinham, sempre conseguiu convencel-os e alcançou que os acompanhassem uns oitenta carregadores, que se comprometiam a conduzir de Noki o restante dos pertences da casa contanto que se fizesse *fundação da palavra*, especie de tratado de paz.

Desde o dia 12 até o dia 17 fez repetidas instancias com o rei para se deixar photographar, não se conformando elle com a idéa de tirar o retrato, sem ter primeiro um do rei de Portugal, e sem que para esse fim reunisse os príncipes seus visinhos e fizesse uma grande festa no seu povo.

No dia 18 foi Ribeiro com o chefe da missão visual-o e pedir-lhe de novo que o não deixasse partir de S. Salvador sem o photographar. O rei entrou então com evasivas, dizendo que os inglezes lhe haviam feito igual pedido, ao que se tinha recusado, não querendo de nenhum modo escandalizal-os.

Disse mais que tendo pedido ao governo de Loanda quatro espingardas, ainda as não tinha recebido; que não tinha consultado ainda os seus conselheiros, que não tinha botas, falta com que se não podia conformar, em vista do presente que el-rei de Portugal lhe mandara.

Depois de muitas instancias e compromettendo-se o major a que o governo de Loanda lhe mandasse as espingardas e que de Noki se lhe mandariam algumas peças de fazenda e aguardente, chamando os filhos, resolveu deixar-se photographar no dia 19.

Combinou Ribeiro que no referido dia das 7 para as 8 horas estaria na sua casa, onde com effeito se dirigiu com o chefe da missão, não contando com a decepção que o esperava.

Estava o rei assentado á entrada da porta muito serio e meditabundo, parecendo estar pensando em tão grave e extraordinario assumpto.

Por D. Pedro, seu filho, que os acompanhava, lhes foi communicado que o rei não queria tirar o retrato sem que Ribeiro lhe desse uma espingarda Winchester. A este pedido respondeu o major que as armas eram do governo e não estava auctorisado a cedel-as; mas que o retrato d'el-rei lho mandaria, logo que chegasse a Loanda, e que o governo da provincia lhe satisfaria os pedidos com relação ás espingardas. Apparentemente conformado com estas respostas, pediu que se retirassem que se ia vestir, e que podia deixar ficar alli as machinas que ninguem lhes tocava.

Voltaram para casa e só uma hora depois o rei os mandou chamar.

(Continua.)

J. B.

EXPOSIÇÃO RETROSPECTIVA

DE

ARTE ORNAMENTAL

EM LISBOA

(Continuado do n.º 152)

XXXVIII

Entramos na sala J, que encerra grande variedade de artefactos, e de diversas proveniencias.

Se não fosse um *hors d'œuvre* n'uma exposição de arte portugueza e hespanhola, mereceriam muita recommendação, a collecção de vasos americanos comprehendida nos n.ºs 3 a 17 e 54 a 64, se bem que se attribua geralmente a oleiros portuguezes, hespanhoes ou italianos o trabalho dos ultimos.

Entre muitas pistolas, espadas, alfanges e outros objectos vejamos o n.º 43. É um oratorio de madeira, de obra de talha pintada e dourada. As portas apresentam exteriormente o brasão das armas portuguezas, com o banco de pinchar,

distinctivo dos infantes; sobre elle ostenta-se a coroa ducal e o dragão alado, timbre dos duques de Bragança. Com quanto não se saiba de documento positivo que o prove, nada obsta a que se tenha como havendo pertencido ao infante D. Duarte, filho de D. Manuel, que casou com a duquesa de Bragança D. Isabel, filha do V duque D. Jayme.

E outro oratorio (n.º 96) do seculo xv é tambem digno de notar-se. Apresenta varias estatuetas em alto relevo, e a do padre eterno em meio corpo. O topo do oratorio é fenestrado no estillo gothico ainda puro.

Veem-se alli duas espadas curvas (n.ºs 33 e 34) que pertenceram a D. Pedro IV.

É curioso um cofre de prata, (n.º 45) parte da côr natural e parte dourada, descansando sobre tres globos. A sua ornamentação consiste em alguns quadros com figuras em meio relevo, e a tampa tem tres globos tambem, pertence aos ex.ºs srs. duques de Palmello.

Alli está o n.º 53 que é a custodia da freguezia de Sande, concelho de Lamego. É de prata dourada; o ediculo está entre quatro columnas, d'onde pendiam quatro tintinabulos, dos quaes se conservam ainda tres. A sua altura é de 53 centimetros e deve ser dos fins do seculo xvi.

XXXIX

Não devemos deixar de mencionar algumas das nossas faianças das Caldas, industria já bem antiga e que tende a progredir.

Ha aqui (n.º 87) um perfumador de côr verde, tanto na base como no bojo veem-se carrancas relevadas e outros ornatos.

A garrafa (n.º 90) tambem tem seu merito. É de faiança e julga-se obra portugueza, com quanto se não determine nem a fabrica, nem a epoca, que não pôde ser muito recuada. A sua pintura tem as cores azues e roxas sobre fundo branco; de um lado do bojo apresenta as armas de S. Domingos e do outro um touro arremetendo contra um cão.

Aqui está outro vaso (n.º 92) tambem obra portugueza. Tem azas e pinturas azues e amarellas sobre o fundo branco. No bojo lê-se: *Sebastiana de Santiago*; — naturalmente encomenda ou presente de alguma freira do seculo xvii a que parece pertencer.

O n.º 98 é uma talha de faiança com fundo amarello; em cada face tem um medalhão branco, sobre o qual está pintado um ramo de flores. Tem tampa, que termina superiormente n'uma pinha. Proximo ao fundo e por baixo de um dos medalhões tem uma carranca, á qual se pôde adaptar uma torneira. Mede 0,86 de altura por 0,34 de largura. Talvez não seja obra portugueza.

São interessantes os dois paineis de azulejo (n.ºs 100 e 111) com quanto sejam de epocas differentes. Ambos tem 1,33 de extensão por 0,53 de altura. O primeiro que é do seculo xvii, tem um grande medalhão oblongo, no qual estão pintadas, varias vistas de cidade, paisagens, e dois grupos representando a historia de Tobias; — o segundo, cujo desenho é mais leve e gracioso, tem no centro um medalhão rectangular, no qual se ostentam as armas do duque de Bragança D. Jayme, sustentados por dois anjos um de frente outro de costas, encimadas por um capacete coroado, não faltando o timbre do dragão. Cercam este medalhão, enchendo o resto do retabulo, varios grupos de creanças nuas com cabazes de flores, grinaldas, fitas, gomis carrancas etc tudo disposto com harmonia.

Os grupos de barro vermelho pintado (n.º 104 e 106) que pertenceram ao presepe do convento da Madre de Deus, tem certa graça. Representa o primeiro um cego tocando sanfona e uma creança bebendo por uma borracha; o segundo representa um rapaz tocando gaita de folle e outro tocando tambor.

(Continua.)

R.

O AMIGO VISCONDE

VII

A carruagem subia vagarosamente. Alvaro ergueu um canto do *store*, e espreitou para fóra. Ia na Calçada do Combro.

Reclinou-se de novo, reatando o fio dos seus pensamentos.

E então, depois da sahida de Campolide, os accidentes da sua vida accudiam-lhe todos á memoria, n'uma confusão incongruente! O tempo que passára em casa do tutor, quando frequentava as aulas do lyceu! Que tempo, santo Deus! O commendador Xavier habitava o segundo andar d'uma casa da rua da Esperança. A escada era escura e escorregadia. Muitas vezes Alvaro, ao

descer, encontrava-se com a criada do visinho do 1.º andar. Foi ella o seu primeiro amor. Era uma rapariga de Thomar, baixinha, refeita de carnes, de olhos verdes, cabellos castanhos e muito sardenta. Ao andar, os peitos afflantes e os quadris boleados tremiam-lhe com uma flacidez gelatinosa. Tinha uma dentadura forte e branca que mostrava, quando se ria. De uma vez que Alvaro subia para casa, encontrou a rapariga no patamar, a accender o lampeão da escada. A moçoila tinha subido a uma cadeira de pào. Como tivesse os braços erguidos, para pendurar n'um gancho da parede o candieiro de petroleo, o seio destacava-se com proeminencias lascivas. Alvaro sentiu uma especie de tontura. Estacou a contemplal-a; e, quando ella desceu da cadeira, a rir, de um salto, sofralando as saias, que lhe deixavam vêr as pernas roliças até ao joelho, atirou-se-lhe então d'um impeto, com a lubricidade escandecente d'um satyro. A rapariga recuou espavorida até ao canto da parede, debatendo-se muito atrapalhada, com as mãos á frente e o rosto escondido entre os braços, dizendo baixinho:

— Deixe-me, seu diabo! Olhe que pôde vir gente.

Alvaro prendeu-a pela cinta, mettu-lhe um joelho á frente; e, quando a viu bem segura, beijou-a e mordeu-a no cachaço, nos braços, no peito, nas mãos, soffregamente, resfolegando como um touro!

Depois d'esse encontro, todos os dias, á mesma hora, enquanto os amos da rapariga estavam fóra, Alvaro entrava surreitamente em casa, pé ante pé, com receio de que o tutor de cima o ouvisse. A rapariga esperava-o ansiosa, espreitando pela frincha da porta entreaberta. Logo que Alvaro entrava, ella dava volta á chave, e levava-o pela cozinha para o seu quarto. Deitavam-se na cama, e ali ficavam os dois, até se aproximar a hora da chegada dos amos.

Era sempre elle o primeiro a saltar abaixo, dizendo cautellosamente:

— Olha que podem vir por ahí os teus amos, Florinda.

— Que os leve o demo! — dizia a rapariga, muito affogueada, sentada no enxergão, ageitando os peitos dentro do collete, e enfiando á pressa nos ilhós a agulheta do atacador de nastro...

E a recordação das primicias do seu amor com a cozinheira causava-lhe, n'este momento, uma repulsão extraordinaria.

— Que pulhice! — pensava elle com asco...

A unica pessoa que visitava o tutor era o sr. Castro, um brasileiro pançudo, com grandes pés recortados de joanetes. Falavam de cambios, da guerra do Paraguay, de café; e, uma vez por outra, de politica interna. O Xavier interessava-se pouco n'este assumpto; mas tinha a inabalavel convicção de que todos os governos eram desavergonhados — asseverava elle — e só prosperaria o paiz se, em vez de irem ás côrtes a cambada de doutores e litteratos, amigo e sr. Castro, fossem homens praticos, homens de negocio, que soubessem como eu e o senhor o que custa a ganhar a vida! O Castro concordava sempre, fechando os olhos.

— Pois ahí está, amigo e sr. Xavier. Alvaro assistia a estes dialogos, a um canto, pensando nas caricias da bella Florinda, como quem, depois de um lauto banquete, rumina e savoréa ainda o ultimo manjar.

As oito horas, o tutor sahia com o amigo, e Alvaro retirava-se para o seu quarto, para estudar.

— Estuda, menino — recommendava-lhe o tutor, fazendo compasso com o indicador a prumo — estuda, se queres chegar um dia a ser alguém.

Mas — que diabo! — Alvaro não comprehendia como, para vir a ser *alguém*, precisasse de estar para ali a matutar nos theoremas de geometria. E vinham-lhe então raivas impeuosas contra a *besta*, que se lembrou, um dia, de inventar uma

ENIGMA



Explicação do enigma do numero antecedente

Não ha belleza sem senão.

tal sciencia! Abria o compendio, fincava os cotovellos na meza, e, com o queixo entre as mãos, deixava-se ficar a olhar fixamente para a chamma aguçada do candieiro. Se a janella estava aberta, entrava uma borboleta, que girava em torno da chaminé de vidro, com grande zumbido. A borboleta descrevia, ao principio, grandes circulos ao redor da chamma. De vez em quando, passava de raspão sobre o vidro, descrevia outros circulos, e vinha cahir fulminada sobre as paginas do livro, de patitas no ar e as azas tremulas. Alvaro ficava a examinar a agonia do insecto; e, por fim, cansado do espectáculo, espetava-o geitosamente nos bicos da penna, e chegava-o ao calor vivo da chamma, queimando-o! Aborrecia-se da geometria, e preparava-se então para estudar historia; mas, ao cabo de um quarto de hora, fechava os livros com repugnancia, exclamando:

— Ora, tretas, amigo, tretas!

E ia repimpar-se na cama, com uma perna dobrada, de joelhos no ar, assobiando, e pensando em grandes pandegas.

Quando chegavam as ferias da Paschoa, já elle tinha o anno perdido por faltas.

Aguns condiscipulos eram seus companheiros na cabula e na estroinice. Havia sobre todos um, o inseparavel, o Diogo Caminha, filho d'um marceneiro, que morava na Calçada de Santa Anna. Era um rapaz alto, magricella, de luneta escura. Frequentava casas suspeitas, fumava cigarros fortes e tinha uma voz aspera e cava. Procuravam as tabernas distantes para as grandes comezainas de chispe e dobrada. O Diogo era freguez conhecido e estimado. Confiava todas as suas aventuras a Alvaro, não escondendo os assaltos que dava repetidas vezes á gaveta do *velhote*. Quando Alvaro lhe contou triumphante o caso da cozinheira visinha, o Caminha arregalou os olhos, e n'uma explosão de jubilo, estendeu-lhe a mão ossea muito espalmada e suada.

— Toca — disse elle, radiante com o exito do amigo — Toca.

O Diogo, passado um anno, assentou praça em artilheria, e sahio de Lisboa.

Logo que o pupillo chegou á maioridade, o Xavier emancipou-o, e retirou-se a viver n'uma quintarella do Minho.

Ao entregar-lhe a fortuna, recommendou-lhe circumspectamente, n'um tom solemne:

— Estás um homem e senhor do que é teu. Não deste carreira; não estudaste; foste um vaidoso. Muito bem. Eu d'ahi lavo as mãos.

(Continúa.)

Alberto Braga.

EPHEMÉRIDES ARTISTICO-LITTERARIAS

(RELATIVAS A PORTUGAL)

1864. — 21. — Tem logar no salão do theatro da Trindade a estreia do exímio pianista portuguez Arthur Napoleão. Antes da sua partida para o Brazil, em 1865, deu um concerto de despedida em 7 de abril sendo phreneticamente applaudido. Convém notar que já havia tocado pela primeira vez em publico, tendo apenas seis annos de idade, na noite do seu beneficio em S. Carlos em 29 de maio de 1850.

1843. — 22. — Incendio do magnifico edificio do Real Collegio dos Nobres. Foi em um sabbado. A estampa e descripção d'este infausto acontecimento vem no *Ramalhete*, n.º 271, de 11 de maio do mesmo anno.

1845. — 23. — É extincta a *Academia dos Guardas Marinhas*, em Lisboa. Foi creada em seu logar em 19 de maio seguinte, uma *Escola Naval*, a qual foi depois organizada em 26 de dezembro de 1868.

1875. — 24. — Funda-se a Associação ou Empresa Exploradora dos Recreios Whittyne, com o capital de noventa contos.

1854. — Abril 25. — Morre o distincto litterato José Maria da Costa e Silva. Falleceu de repente pelas 10 horas da manhã, morando então na rua da Boa Vista n.º 73. No seu poema discriptivo

O Passeio Costa e Silva rivalisa com Thompson e Delille.

1855. — 26. — Estabelecem-se os telegraphos electricos em Portugal. O regulamento provisório foi decretado em 10 de fevereiro de 1866.

1875. — 26. — Morre o prestimoso cidadão escriptor e orador notavel Joaquim Henriques Fradesso da Silveira. Foi no seu tempo o maior apostolo do desenvolvimento da industria nacional. Ao seu enterro foram mais de 3:000 pessoas de todas as classes.

1838. — 27. — Representa-se pela primeira vez em S. Carlos a opera de Donizetti *Gemma de*

pag. uma de rosto e uma de indice. A muita incorrecção no rythmo, mostra pouca experiencia no seu auctor e talvez muito pouca idade.

Não perdia o seu nome se esta colleção de versos estivesse mais tempo inedita. O auctor no futuro reconhecerá a verdade d'esta observação.

REVISTA DE CLÍNICA MÉDICO-QUIRÚRGICA, Director Dr. D. Pedro Esquerdo y Esquerdo — año II — 15 de febrero de 1883 — num. 2... publicase el 15 de cada mes... J. B. Agramut y Compañia; calle de Fernando VII, num. 43 entre-

suelo 1.ª Barcelona. Contem observações sobre a febre tifoidea pelo Dr. Quer; Fenól. valor antiséptico y antipirético en general etc., pelo Dr. Esquerdo. Micosis ó linfadenia cutánea, catarro gastrico pelo Dr. Freixas Abreu. — Enfermidades localizadas: Sistema nervioso; — Aparato circulatorio; — Relacion de progresos médicos. — Seccion de cirugia: Usos y aplicaciones externas del yodoformo pelo Dr. Esquerdo, e outros asuntos varios.

GARATUJAS por Mello Freitas... Aveiro — Imprensa Commercial. Rua de José Estevam. 1883. 8.º de 43 pag. a que se seguem mais 28 pag. em que se transcrevem varios artigos da imprensa periodica relativos ás obras do auctor.

D'este folheto não se pode dizer o mesmo que do antecedente e se o auctor tem talento e versifica com certa facilidade, tambem é verdade que não deixa de apresentar incorrecções de rythmo e rima (d'esta ha um exemplo notavel logo no primeiro soneto) e a tendencia para o extravagante, que é a feição característica da época.

OS PORTUGUEZES NO ORIENTE, feitos gloriosos praticados pelos portuguezes no Oriente, por Eduardo A. de Sá Nogueira P. de Balsemão... 3.ª parte (1700 a 1882) Nova Goa — Imprensa Nacional. 8.º de XIV — 311 pag. e uma de indice. — Já não corre o nosso espirito a engolfar-se na magia dos grandes feitos do seculo XVI e por isso é do maior numero quasi ignorado o que se tem passado no Oriente, depois d'aquella grande epoca; mas nem por isso deixaram de se praticar feitos notaveis, que attestaram sempre o valor portuguez, e tanto mais notaveis, quanto o prestigio

do nosso grande poderio estava apagado e novos europeus nos tinham seguido os passos e iam empolgando um a um os nossos trofeos. Desenterrar pois essas noticias das memorias contemporaneas, e proporcionar o seu conhecimento facil ao maior numero de leitores é um bom serviço, que o illustre secretario do Estado da India, presta aos seus conterraneos.

Os Successos chronica do meç n.º — 1 pelo sr. Afonso Vargas — preço 100 réis — Lisboa Imprensa da Viuva Sousa Neyes 65, rua da Atalaya 67 — 1883. 63 paginas formato pequeno. Bem vindo seja o collega e longa vida lhe desejamos.

A ORTOGRAFIA SÓNICA E OS SEUS ADVERSÁRIOS. São 15 paginas de 8.º francez em que o sr. dr. José Barbosa Leão expõe mais uma vez as suas ideas, e o methodo de as levar á pratica gradualmente e sem alteração sensível, e combate as principaes objecções que tem sido apresentadas á idéa que ha tantos annos prosegue com tenacidade e energia, mais ordinaria na primavera da vida, do que na idade em que se acha. Da imprensa do Porto já S. Ex.ª congeui alguma coisa e parece que não ha inconveniente em se começar a dar algum passo, para a regularisação logica da ortografia da nossa lingua.

Reservados todos os direitos de propriedade litteraria e artistica.

1883, LALLEMANT FRÈRES, Typ. LISBOA
6, Rua do Thesouro Velho, 6



O MAJOR LUÍZ QUILLINAN

(Segundo uma photographia de Elliott & Fry, de Londres)

Vergy, desempenhada pela prima-donna de cartello Thereza Tavola e por F. Regoli, Colletti, Eckerlin, etc.

1845 — 28. — Mandam-se estabelecer *Seminarios* em todas as provincias do reino.

1838. — 29. — Abertura inaugural do *Real Theatro do Salitre*, para servir de nova escola dramatica. Foi com a traducção da comedia-drama de A. Dumas *Antony*. Começou a funcionar sob a direcção do actor Dias.

Convém notar que este theatro foi construido em 1782, pelo architecto João Gomes Varella, e que foi considerado como segundo theatro no tempo da rainha D. Maria I e D. José. Tinha mais do dobro do comprimento do theatro da rua dos Condes.

1767. — 30. — O marquez de Pombal julga e decide contra o voto e opinião geral de mais de um seculo, que o livro *justa aclamação do serenissimo rei de Portugal D. João o IV* não era do dr. Francisco Velasco Gouveia mas sim obra dos Jesuitas.

Note-se que esta decisão foi confirmada por varios lentes de Coimbra e qualificado esse como informe absurdo e ignorante!

É hoje muito raro este livro pela razão do marquez ter feito recolher e inutilisar todos os exemplares que então se encontraram.

PUBLICAÇÕES

Recebemos e agradecemos:

PRIMEIRAS ILLUSÕES por C. de Faria. S. Miguel. Typographia da Liberdade. 1883 — 8.º de 47